

EXPERIÊNCIA-FORMATIVA: UM OLHAR ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DE PROFESSORAS ENVOLVIDAS COM A EDUCAÇÃO ESPECIAL¹

Madalena Maria Barbosa Tsyganok
Universidade Federal do ES/ UFES
Rose Mary Fraga Pereira
Universidade Federal do ES/ UFES
Hiran Pinel
Universidade Federal do ES/ UFES

Resumo:

O trabalho abrange as narrativas produzidas junto-com duas professoras, acerca das experiências vividas, cujo método de pesquisa foi de inspiração Fenomenológico-Existencial. Objetivou produzir narrativas sobre as experiências de duas professoras inclusivas, envolvidas com a Educação Especial, em sala de aula regular e ou fora dela, e que trabalham em escolas públicas do município de Vitória (ES). E, nesse processo, apreender o vivido por professoras-narradoras-pesquisadora na produção das experiências-formativas advindos da interdinâmica de narrar-com elas, sempre buscando pelas experiências, os sentidos e as aprendizagens. Com referência na filosofia de Walter Benjamin e autores contemporâneos, analisou-se a problemática histórico-existencial nos envolvimento das docentes com a Educação Especial. Elaboraram-se perspectivas e possibilidades de conhecimentos de si e do outro na produção de experiências-formativas docentes, com inspiração na abordagem (auto)biográfica. Nas (in)conclusões destacou-se que é preciso pensar-sentir o ofício da profissão docente em termos dos envolvimento com a Educação Especial e, nos movimentos internos-externos do ser sendo nas diferentes possibilidades de existência no mundo. A pesquisa encontrou sentidos através da produção de narrativas das experiências, elaboradas junto com as docentes, uma tarefa desafiadora que possibilitou um diálogo sobre a educação especial nas questões afetas ao ser sendo docente-discente em sala de aula regular. Considerou-se relevante compreender a complexidade vivida na Educação Especial em sala de aula regular, tendo as narrativas como um referencial, e deste modo, potencializar esse saber-fazer nos processos de formação de professores.

Palavras-chave: Educação Especial; Professores–Formação; Fenomenologia-Existencialismo.

¹

Este trabalho é parte integrante da tese de doutorado (BARBOSA-TSYGANOK, 2015).

Introdução

Na produção científica, buscamos pelas experiências, os sentidos e as aprendizagens advindas do processo de narrar-com as professoras-narradoras-pesquisadora². Esse processo nos possibilitou reinventar o termo experiência-formativa, dentro de um clima fenomenológico-existencial e da abordagem (auto)biográfica, com inspiração nos estudos de Walter Benjamin (1892-1940).

Escutamos, de modo sensível, as experiências vividas com a Educação Especial na sala de aula regular, e buscamos pelos sentidos que desvelaram as diferentes possibilidades de ser sendo no mundo: surpreendendo, encantando, opondo ao estabelecido, desejando, pesquisando e vivendo o sentido de cuidado com o ser-estudante-no-mundo-da-educação-escolar-singular³.

Esse processo de compreensão e cuidado com o ser estudante demanda uma subjetividade inclusiva do docente em sala de aula, algo que possibilite o sentido do ser se mostrar, sendo ele mesmo, em sua linguagem e nos diversos modos de expressão, sempre marcados pela (inter)experiência junto ao outro na humanidade. Somos iguais e diferentes, porque a vida pulsa, e precisamos, cotidianamente, reinterpretá-la fazendo tentativas para compreendê-la!

Nesse processo, produzimos uma perspectiva de experiência-formativa pensada-sentida a partir da compreensão das narrativas sobre o cotidiano vivido nos espaços-tempos da Educação Especial. Esta, compreendida enquanto modalidade do Atendimento Educacional Especializado, mas também como um processo e princípio inclusivo que produz diversos sentidos nas experiências vividas pelas docentes. Referimo-nos a algo que é singular, está presente nos processos diferenciais e produz aprendizagens, saberes e práticas inclusivas.

² Com essa expressão estamos considerando que ambas estão interligadas na produção das narrativas.

³ Uma expressão que tenta mostrar um estilo singular de apreender. Narramos as experiências da professora que captura, apesar de sermos diferentes, um grupo com uma diferença maior, o que demanda a produção de adaptação de procedimentos e ferramentas, produtoras de sentidos no viver.

Referencial Teórico

No estudo, buscamos alguns conceitos do filósofo alemão Walter Benjamin e autores contemporâneos para analisar o vivido e narrado pelas docentes: História, Tempo, Experiência, Narrativa e Memória. Assim, como Benjamin (1994) nos desafia na tese sete sobre o conceito de história, tentamos “escovar a história a contrapelo” (p. 225). Nesse sentido, o tempo-espaço foi considerado multidimensional, na perspectiva de possuir um sentido profundo a que chegamos pela via da interpretação. Ao mesmo tempo em que rememoramos o passado, também produzimos reflexões e desvelamentos acerca das tensões e rupturas existentes no cotidiano escolar, analisadas a partir do passado-presente vivido pelas docentes no aqui-agora da Educação Especial.

Trata-se de uma perspectiva em que os conceitos de História e Tempo estão relacionados à ideia de construção e reconstrução de tempos múltiplos e diferentes, onde a memória intermedia um processo de produção do conhecimento. Isso significa romper com uma perspectiva mecanicista e linear do tempo ou com uma crença de que há uma evolução e progresso compreendido como algo natural e inevitável, tal qual prevê a modernidade capitalista para a humanidade.

O trabalho se situou dentre os estudos que valorizaram as experiências de docentes (NÓVOA, 2007; PINEL, 2003; BARBOSA, 2011; CAIXETA, 2006), a vida, a compreensão dos sentidos relacionados às experiências docentes na Educação Especial. Referenciamos-nos nas produções onde o saber é posto em movimento, e que mostram a criação de novos conceitos de tempo, especialmente, aqueles que resistem ao modelo linear e homogêneo do historicismo.

Consideramos que seja relevante provocar reflexões e intervenções que nos possibilitem compreender a complexidade vivida na sala de aula regular em espaços-tempos da Educação Especial, tendo as narrativas docentes como um referencial, e deste modo, potencializar o saber-fazer e as experiências-formativas docentes. Interessou-nos, pois, entender o entrecruzamento passado-presente-futuro como algo em movimento, que não é fixo, mas

inacabado, que traz os acontecimentos passados, mas também, os reconstrói no presente-futuro das participantes.

Benjamin (BENJAMIN, 2013a) se opõe ao conceito de passado como algo fixo e o de história como um contínuo, não aceitando a regularidade e os valores como algo atemporal. Para ele a história é devir e é compreendida como origem que está presente no acontecer histórico.

O que é próprio da origem nunca se dá a ver no plano do factual, cru e manifesto. O seu ritmo só se revela a um ponto de vista duplo, que o reconhece, por um lado como restauração e reconstituição, e por outro como algo de incompleto e inacabado (p. 34).

Tentamos compreender as narrativas como obras concretas-existenciais e abertas. Foi nesse clima que focalizamos nas narrativas os sentidos produzidos, e capturados por mim, no viver das professoras Sophia e Polly (nomes fictícios), e as aprendizagens-de-contar-escutar-histórias advindas do processo de narrar-com elas. Nessa interdinâmica, compreender a existência do ser-aí professora na/da Educação Especial no mundo, ou conforme Chauí (1991) reinterpretou a partir do pensamento do filósofo Heidegger: "o mundo é, aqui, o 'conjunto de condições geográficas, históricas, sociais e econômicas, em que cada pessoa está imersa'" (p. 7-5).

Nesse contexto, tornou-se um desafio romper com essas "imagens", que estão arraigadas ou interiorizadas no ser. Uma possibilidade seria de abertura e compreensão da produção sócio-histórica advinda das relações sociais vividas, algo que não é natural ou absoluto, mas que se constrói enquanto um processo subjetivo-objetivo do ser sendo no mundo pelas experiências e suas narrativas. O conceito de *Erfahrung* (experiência) em Benjamin se localiza numa temporalidade, que é comum às diversas gerações. Gagnebin (2011) destaca que essa palavra possui o radical *fahr* da antiga língua alemã e significa literalmente percorrer, atravessar um percurso. Nesse sentido, ela se refere a uma tradição "[...] compartilhada e retomada na continuidade de uma palavra transmitida; de pai a filho; continuidade e temporalidade das sociedades "artesanais" [...] em oposição ao tempo deslocado e entrecortado do trabalho no capitalismo moderno" (GAGNEBIN, 2011, p. 57).

Amatuzzi (2007) no resgate que fez acerca do significado etimológico da palavra experiência encontrou que ela deriva do antigo verbo latino depoente *periri* – *peritus*, passando ao português com *perito*, *habilidoso*, *experimentado*. Pelas experiências vividas, em contato com o real, podemos produzir os significados. Amatuzzi (2007) alerta que existe muito mais do vivido do que do significado construído. Enfatiza que esse processo experiencial irá permitir ao ser humano acessar e lidar com o real, ampliando suas possibilidades e complexidades de ação.

As experiências que narramos-com as docentes tentaram recuperar o vivido como possibilidade de aprendizagens, de vida, lançando-nos nos diversos tempos possíveis, o que estamos identificando como multidimensional. Desse modo, foi possível resgatar, pela via das narrativas, a palavra contada acerca do vivido para analisar os sentidos produzidos e as aprendizagens-de-contar-escutar-histórias advindos do processo de narrar-com elas, que talvez estivessem desaparecidas, silenciadas ou esquecidas.

Nesse sentido, o conceito de experiência se ampliou no reconhecimento das ações humanas como produtoras de história, produzida por sujeitos agentes que vivem o cotidiano e nele vão produzindo os modos de ser sendo no mundo. As narrativas podem favorecer um processo de “autorfazer-se”, num movimento ativo, político e de resistência aos processos que produzem a exclusão do ser-estudante e de como essas experiências narradas podem contribuir para a autoformação como sujeitos históricos.

Benjamin (2013b) pontua acerca do desaparecimento da arte de narrar e do fato de que as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Nesse sentido, rememorar o passado possui o sentido de desmistificar o historicismo, onde a história seria o eterno continuum em busca do progresso.

O filósofo dá importância ao papel do historiador, da rememoração e da reminiscência. A linguagem está na centralidade de sua análise, como produção humana desenvolvida na história, e por meio dela é possível

ressignificá-la, tornando-a presente e ativa. “A linguagem nunca é somente comunicação do comunicável, mas é, ao mesmo tempo, símbolo do não comunicável [...] a linguagem de um ser é o *meio* em que sua essência espiritual se comunica” (p. 72).

Para Benjamin, refletir sobre a memória não é propriamente rememorar ou captar o seu conteúdo, mas, sobretudo, desvelar os silenciamentos e/ ou os esquecimentos. Trata-se de reaver o que foi perdido por meio da rememoração. Benjamin (1994) nos traz essa perspectiva de pensar a questão da memória em termos de rompimento com o propósito de trazer o passado exposto na ótica dos vencidos: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo (p. 224)”.

A memória envolve o campo de experiência pessoal com os eventos do cotidiano tudo isso registrado na lembrança, contados que foram para si mesmo e para o leitor – trata-se de uma memória aberta ao mundo da partilha, daquele que conta, daquele que escuta e que dá sentido ao próprio ato de contar (BOSI, 2003). Não há apenas a história oficial já que estamos interessados em outra história: a de cada ser sendo no mundo, construída ao longo do seu desenvolvimento aprendizagem através de um dia a dia comum, mas sempre relevante. Apreendemos a memória como uma experiência vivida no tempo capaz de se presentificar e produzir novos significados e compreensões dos acontecimentos.

O relato primordial é aquele que podemos fazer às outras pessoas, e é através dele que a experiência ganha uma dimensão social desvelando testemunhas. Nesse sentido, a minha experiência amplia a experiência do outro através da linguagem. Afinal, viver a vida com toda a sua densidade, tensidade e intensidade produz uma demanda de contar acerca de si no mundo.

Objetivos

No trabalho produzimos narrativas das experiências de duas professoras inclusivas, envolvidas com os espaços-tempos da Educação Especial, em sala de aula regular e/ ou fora dela, e que trabalham em escolas públicas do município de Vitória (ES). Nesse percurso, tentamos apreender os processos vividos na produção das narrativas como aprendizagens-de-contar-escutar-histórias, advindos da dinâmica de narrar-com elas. Apreendemos este processo, de modo fenomenológico-existencial, produzindo conhecimentos de si e uma perspectiva de experiência-formativa docente.

Metodologia

Realizamos um estudo com base na produção de narrativas, viabilizado pelo método de inspiração fenomenológico-existencial (FORGHIERI, 2001; PINEL, 2003), tendo a narrativa como uma possibilidade para viabilizar a pesquisa (DUTRA, 2002). Produzimos interlocuções com pesquisadores que buscam referenciar os modos de investigação e/ ou investigação-formação pela via da abordagem (auto)biográfica, tendo as narrativas como modo de investigação (TEODORO, 2004; MARTINAZZO, 2000; entre outros). Assim, tentamos dois movimentos (FORGHIERI, 2001): envolvimento existencial e distanciamento reflexivo para realizar as análises. Nesse processo de pesquisar, sujeito e objeto se consideram indissociados e as experiências foram contadas, do ponto de vista singular (na pluralidade do mundo), como processos de subjetivações.

Uma perspectiva de experiência-formativa

A travessia pelas duas narrativas possibilitou olhar-escutar os sentidos construídos nas experiências em sala de aula regular, apreendidas como processos individuais e sociais, vividos na interdinâmica de relações e experiências. Buscamos uma aproximação com as experiências que produziram sentidos no viver, e com isso, fizemos tentativas para reinventar um projeto de formação em contextos da profissão docente no Brasil como um porvir ou algo incompleto. Nesse sentido, estamos reinventando o que denominamos experiência-formativa como uma possibilidade, não se tratando

de algo pré-determinado ou fixado para o presente-futuro, mas de um modo de caminhar que nos (co)move em nossos modos de ser sendo no mundo.

De fato sentido-vivido, preocupamo-nos com os estudantes que, sócio-historicamente, foram/são desumanizados, rotulados, isolados, segregados, tipificados e negados em sua condição de sujeitos, juntamente, com suas histórias de vida. Vivemos, assim, um tempo de desvelamentos de preconceitos e estigmas, onde os termos que, até então, os rotularam como excepcionais ou deficientes, por exemplo, são substituídos por termos que tentam alertar para situações singulares de desenvolvimento e aprendizagem, no sentido de potencializar as capacidades ao invés de desumanizar ou marcar a pessoa.

Nesses contextos, gostaríamos de pontuar que uma experiência-formativa junto-com docentes que atuam na sala de aula regular, envolvidas em espaços-tempos de Educação Especial, precisa constituir-se em processo reflexivo e crítico sobre o próprio trabalho, um desafio no sentido de construção permanente da identidade pessoal e profissional, que busca práticas educativas capazes de pensar-sentir as experiências próprias e de outros educadores.

Dialogamos com os autores que nos ajudaram nas reflexões sobre essa perspectiva de experiência-formativa: Goodson (2007); Anjos (2014); Catani et al., (2003); Simões, Correa, Mendonça (2011); Fontana (2010); Mignot, Cunha (2003); Azevedo (2003); Nóvoa (2007); Bragança et al. (2008). Nesses trabalhos encontramos possibilidades para pensar-sentir-agir a formação de professores na perspectiva do vivido, experienciado e narrado. Junto-com eles, refletimos que precisamos gerar experiências-formativas que valorizem as subjetividades de docentes, as histórias de vida, os sentidos e as narrativas das experiências vividas, que são capazes de mexer conosco, questionando a nós próprios e a ordem social vigente.

Somando-se aos esforços de reconceitualizar a formação de professores, de acordo com as perspectivas contemporâneas de pesquisa de dar atenção às crises e valorizar a subjetividade, estas perspectivas buscam, acima de tudo, dar voz aos mestres, permitindo que eles se ouçam e se façam ouvir. A época contemporânea, de fato, trouxe consigo a busca das formas através das quais o sentido

se constitui, valorizando a experiência e a subjetividade (CATANI et al. 2003, p. 32).

A experiência-formativa que estamos propondo, tem como reflexão o ato sentido da escuta das experiências e histórias vividas-sentidas por docentes-discentes, sempre indissociados, num processo de produção e desvelamento dos sentidos no viver a sala de aula regular. Walter Benjamin (1994) nos instiga a sobre a importância da valorização das narrativas, histórias, experiências e/ou interexperiências docentes compartilhadas com o outro no mundo. Ao contrário do isolamento e da dificuldade em trocar experiências, nesse tempo social e histórico, objeto de crítica do filósofo, nos lançamos na perspectiva das experiências-formativas capazes de unir pessoas, saberes e práticas. O já vivido, ou seja, “o passado deixa de ser algo morto, sem vida, quando o historiador conecta passado e presente e reabilita os acontecimentos soterrados pela história oficial” (D’ANGELO, 2006, p. 34).

Assim, tentamos, com essa perspectiva de experiência-formativa, a partir das narrativas orais das experiências docentes, “[...] recuperar a singularidade das histórias narradas por sujeitos históricos, socioculturalmente situados, garantindo o seu papel de construtores da história individual/coletiva intermediada por suas vozes” (SOUZA, 2008, p. 94). Com essa possibilidade, consideramos que estamos somando ao movimento biográfico e (auto)biográfico no Brasil que considera as narrativas das experiências vividas por docentes como perspectiva de pesquisa e formação. As experiências docentes relacionadas à Educação Especial na sala de aula regular possuem referência nas narrativas orais, que são “[...] intersubjetivas, recolocando a subjetividade como categoria eurística e fenomenológica [...]” (Idem, p. 89). Também, refletimos junto-com Simões (2011) que

Na medida em que narrativas e histórias de vidas de professores ampliam a possibilidade de autoconhecimento na busca da autonomia docente, criam-se também espaços importantes não apenas para a quebra de metanarrativas nas quais histórias de professores são contadas a partir do lugar do outro, mas também para o entrecruzamento de fontes polifônicas e multirreferenciadas, visando à compreensão das formas assumidas pela profissão docente na História (p. 303-304).

Essas reflexões vão ao encontro de uma intencionalidade, qual seja, almejar uma escola “democrática, libertadora, não-discriminadora [...] centrada no direito à palavra” (AZEVEDO, 2003, p. 95), efetivada num contexto de gestão escolar, pautada em ações políticas que focalizem a liberdade do ser sendo dizer a sua palavra no diálogo junto-com o outro no mundo.

Larrosa (2002) contribui com o nosso pensamento-sentimento acerca da produção de experiências-formativas que possam tocar o ser sendo, atravessá-lo e produzir sentidos e conhecimentos sobre si mesmo, o outro e o mundo. Um processo de abertura na tentativa de compreender o ser-sendo-estudante.

Também, encontramos em Padilha (2006) algumas reflexões que contribuíram com a nossa produção teórica para indicar uma experiência-formativa a partir de múltiplas relações sociais, da valorização da escola, das experiências de sentido de docentes-discentes e de um olhar singular em relação ao ser-estudante no mundo.

De fato, compreendemos que um ofício pode intervir ou interferir no processo subjetivo, produzindo sentidos de ser isso que alguém se propõe dentro das pressões do mundo, ou seja, ser sendo inclusivo e enriquecendo o próprio desenvolvimento pessoal e profissional, na perspectiva onde o humano seja valorizado. Assim, vislumbramos uma experiência-formativa que seja construída no exercício da profissão, onde docente-discente, sujeitos que vivem a afetividade e emoção “à flor da pele”, possam trabalhar em espaços-tempos da Educação Especial na perspectiva inclusiva, dando sentido à vida pessoal, profissional e formativa, de acordo com as concepções pessoais, valores e ideais, na criação de atos e modos cotidianos de educar.

Nessa perspectiva, precisamos considerar as necessidades humanas em suas singularidades na pluralidade de ser sendo no mundo. O trabalho educativo organizado por Polly, é marcado por uma experiência que, a nosso ver, derruba, faz estremecer, provoca(dor) e angustia. E é, justamente, isso que a faz refletir sobre os sentidos acerca do que somos sendo no mundo, do que nos acontece e o quanto nos expõe, subjetividades que a jogam no campo da experiência (LARROSA, 2002) junto ao outro, um encontro e uma relação com sentido-sentido (PINEL, 2003).

Eu acho que é essa relação com a criança especial que ficou mais em mim. Tive um receio: eu nunca imaginei que eu iria ter um aluno autista. Muita coisa foi feita pensando nele. Eu me lembro: nós fazíamos para o George, e incluía a turma, e o contrário também. Eu me recordo até hoje desse trabalho com a rotina, porque eu acho que não foi só com ele, pois ajudou a turma como um todo [...]. Isso foi uma coisa que ficou em mim e quando alguém briga, eu falo: eu tive essa experiência com o George e deu certo, eu quero organizar assim novamente! [...] A reflexão que eu faço é que se trata de um modo de organizar as atividades, numa experiência singular com o George que ficou como uma referência muito forte na minha vida como professora.

Reafirmamos a proposta de uma experiência-formativa que considere as práticas educativas, as experiências de sentido e as interexperiências, como objeto de conhecimento. Em uma abordagem biográfica, esse trabalho de narrar-com as experiências e contá-la aos outros,

[...] configura-se como investigação porque se vincula à produção de conhecimentos experienciais dos sujeitos adultos em formação. Por outro lado, é formação porque parte do princípio de que o sujeito toma consciência de si e de suas aprendizagens experienciais quando vive, simultaneamente, os papéis de ator e investigador da sua própria história (SOUZA, 2008, p. 92).

As narrativas revelaram caminhos formativos e auto-formativos pela via dos sentidos e das aprendizagens-de-contar-escutar-histórias. Um processo, indissociado, no pessoal e profissional do docente, enquanto ser que apreende os sentidos e, ao mesmo tempo, elabora os saberes-fazer nas experiências em sala de aula, e em outros lugares, produzindo interexperiências junto-com o estudante. Essa perspectiva de experiência-formativa se revela como uma tentativa do ser compreender a si mesmo. Pensamos-sentimos que as aprendizagens construídas pelas experiências que as tocaram, foram apreendidas-vividas com-sentido e mobilizaram os projetos ao tecerem a vida pessoal e coletiva.

Diante das complexidades vividas em sala de aula, as docentes encontraram modos de elaborar o saber-sentido pelas experiências com os estudantes. Elas conversavam com os discentes sobre o que sentiam tentando, pela via da escuta e do diálogo, produzir saberes como respeito e colaboração, valores que comovem o ato sentido de conhecer. Elas estudaram sobre as temáticas que envolvem os espaços-tempos da Educação Especial, na tentativa de compreender as singularidades do ser-estudante.

As experiências docentes produziram sentido e as aprendizagens foram compartilhadas com os outros e o mundo. Então, presenciamos o diálogo e abertura como essencial ao trabalho docente, uma compreensão do vivido (passado) e a problematização do presente-futuro. Disse Polly:

[...] aproveitamos um horário com a professora de Educação Especial, tivemos uma conversa longa sobre as experiências vividas em sala de aula, estudamos o que era TGD, e refletimos que a estudante Júlia teria que ter uma pessoa junto, e ao lado dela, porque em seus modos ela revelava algumas singularidades, que a faziam repetir e falar um monte de coisas.

Dessa tessitura, nas quais nos debruçamos para elaborar uma possibilidade de experiência-formativa, pensada-sentida a partir das narrativas e dos estudos e leituras que realizamos, ou seja, dessa busca por um sentido advindo das experiências vividas, emergiu um movimento em que mergulhamos no vivido pelas docentes, e nos distanciamos para produzir as reflexões aqui expostas. Ser sendo professora enfrentativa, inclusiva, preocupada, cuidadosa, sensível e ousada, eis os sentidos e modos de ser no mundo que brilharam no aqui-agora dessa pesquisa. Metaforicamente, jogamos luzes nas narrativas das experiências e dela apreendemos os sentidos, dando um “close” nas nossas “protagonistas estelares” (PINEL, 2006).

Atuando no vivido, nós docentes, estamos imersas ou imersos num movimento de ir e vir na sala de aula, ao mesmo tempo, criando e participando de espaços para narrar às histórias, experiências, os sentidos produzidos e as aprendizagens com-sentido. E, nesse percurso existencial, o de ser sendo professora e professor, apreendemos que se trata de um cotidiano devir, sempre incompleto e inacabado. Nós produzimos as experiências-formativas “[...] e nelas nos produzimos, conscientes ou não desse processo, mediadas por nossos múltiplos outros, anônimos ou reconhecidos, em aproximação e confronto com eles [...] (FONTANA, 2010, p. 184)”, também, situando-as, desvelando, transformando as condições sociais de produção em que existimos.

Tempo, história, experiência, narrativa, memória... a vida, os dramas, a inquietude, as angústias, a dor, o desespero, o cansaço, os medos e inseguranças. O que é ser professora inclusiva? Como é ser professora

inclusiva? Como somos ou nos tornamos professoras inclusivas? Quais sentidos emergem em nosso ser profissional-pessoal-formativo? Continuamos assim a nossa travessia, sempre em aberto!

(In)conclusões

Pela via da pesquisa de inspiração fenomenológico-existencial, produzimos uma trajetória que nos ajudasse a ter um olhar sensível para o fenômeno em que as narrativas das experiências ocupassem o centro da investigação, algo que atravessou o ser sendo pesquisadora, tocando e produzindo mais sentidos de pesquisar. As narrativas docentes foram o principal caminho para a pesquisa, junto com o diálogo que tecemos com a “abordagem (auto)biográfica como modo de investigação ou investigação-formação”. Essas perspectivas se revelaram como possibilidades para, também, refletir sobre os sentidos e aprendizagens produzidas que atravessaram o ser sendo professoras-narradoras-pesquisadora, a experiência-formativa, o mundo da vida e o aparecer do vivido.

Consideramos que seja relevante provocar reflexões e intervenções que nos possibilitem compreender a complexidade da Educação Especial, tendo as narrativas como um referencial, e deste modo, potencializar esse saber-fazer na sala de aula e nos processos de formação inicial e continuada de professores. Pensamos que as experiências narradas contribuem para as elaborações no campo teórico da Educação Especial, instigando a abertura aos projetos futuros e à produção de diversos sentidos e possibilidades de experiência-formativa no trabalho docente.

Referências

AMATUZZI, M. M. (2007). **Experiência: um termo chave para a psicologia**. Memorandum, 13, 8-15. Disponível em:

<<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a13/01Amatuzzi.pdf> >. Acesso em: 22 maio 2012.

ANJOS, Hildete Pereira dos (org.). **As histórias de todas e de cada uma: construindo um trajeto para a educação especial**. Curitiba: CRV, 2014.

AZEVEDO, Joanir Gomes de. **Fazer com paixão sem perder a razão**: retalhos de uma experiência em escola pública de tempo integral. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BARBOSA-TSYGANOK, Madalena Maria. **Formação Docente: Um educador, suas histórias de vida e os sentidos produzidos sobre a educação inclusiva**. Monografia, Brasília: UnB, 2011. 95p.

_____. **Narrativas de professoras envolvidas com a Educação Especial: uma compreensão das experiências, sentidos e aprendizagens**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, tese de doutorado, 2015. 180f.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **A origem do drama trágico alemão**. Edição e tradução João Barrento. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013 (a).

_____. **Escritos sobre mito e linguagem**. Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades, 2013 (b).

BOSI, Ecléa. **O vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza et al. **Vozes da Educação**: memórias, histórias e formação de professores. Rio de Janeiro: Faperj, 2008.

CAIXETA, Juliana Eugênia. **Guardiãs da memória: tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos**. Tese de doutorado. Brasília: UnB, 2006. 204p.

CATANI, Denise Barbara; BUENO, Belmira Oliveira; SOUSA, Cynthia Pereira de; SOUZA, M. Cecília C. C. (orgs.). **Docência, memória e gênero**: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

CHAUÍ, Marilena. Heidegger: vida e obra. In: HEIDEGGER, M. **Conferências e escritos filosóficos**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Fronteira, 1991, p. VII-XIII.

D'ANGELO, Martha. **Arte, política e educação em Walter Benjamin**. São Paulo: Loyola, 2006.

DUTRA, Elza. **A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica**. Revista: Estudos de Psicologia [On-line] 2002, 7 (julho-dezembro): Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26170218>> Acesso em: 23 Jan. 2015. ISSN 1413-294X.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FORGUIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica**. São Paulo: Pioneira, 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professores: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: Nóvoa, Antônio. **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 2007, p.68.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002, nº 19, p. 20-28.

MARTINAZZO, Celso José (org.). **Histórias de vida de professores: formação, experiências e práticas**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

MIGNOT, Ana Chystina Venâncio; CUNHA, Maria Tereza Santos (orgs). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003.

NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 2007.

PADILHA, Anna Maria Lunardi. Necessidade especial do trabalho educativo geral ou necessidades educativas especiais. JESUS, Denise Meyrelles de; BAPTISTA, Claudio Roberto Baptista; VICTOR, Sonia Lopes (orgs). **Pesquisa**

e educação especial: mapeando produções. Vitória: EDUFES, 2006, p. 125-138.

PINEL, Hiran. **Educadores da noite.** [livro em CD-ROM] NUEX-PSI EDITORIAL, 2003.

_____. Nascimentos! Inventando e produzindo “nascimentos de protagonistas estelares” nas existências e nas práticas educacionais (escolares e/ ou não). In: JESUS, Denise M. de; BAPTISTA, Claudio Roberto; VICTOR, Sonia Lopes (orgs). **Pesquisa em Educação Especial:** mapeando produções. Vitória: EDUFES, 2006, p. 269-309.

SIMÕES, Regina Helena Silva; CORREA, Rosa Lydia Teixeira; MENDONÇA, Ana Waleska Pollo Campos. **História da profissão docente no Brasil.** Vitória: EDUFES, 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A formação como processo de conhecimento: histórias de vida e abordagem (auto) biográfica. In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza et al. **Vozes da Educação:** memórias, histórias e formação de professores. Rio de Janeiro: Faperj, 2008, p. 85-102.

TEODORO, António (org.). **Histórias (re) construídas:** leituras e interpretações de processos educacionais. São Paulo: Cortez, 2004.